

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT
TAHEREH MAFI



LIBERTA-ME



LIVRO 2

SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Abandono

Confinamento

Negligência

Prisão

Traição

Violência

1

WARNER

— **E** então? — viro-me lentamente para o observar, apoiando o ombro na parede fria de betão. — Consegues sentir alguma coisa?

O Adam respira fundo.

— Não sei, pá — diz. Enfia as mãos nos bolsos e abana a cabeça, expirando. — Acho que preciso de mais um minuto. Há qualquer coisa de errado.

Observo-o a mudar o peso do corpo enquanto acompanha com os olhos a enorme janela, avaliando a cena árida mais além: a Rosabelle Wolf está sentada numa cadeira de metal, imóvel, rígida como uma estaca no chão enquanto o seu pai distante, Hugo, tenta outro interrogatório malfadado.

— Rosa — diz o Hugo, desesperado, com a voz mais aguda. — Por favor, porque não falas comigo?

Cada dia tem sido um fracasso.

A cada dia, o pânico do Hugo aumenta com o passar das horas, a sua instabilidade emocional aproxima-se da histeria à medida que a Rosabelle se afasta cada vez mais. Encorajei-o várias vezes a abandonar a tarefa, mas agora que voltou a vê-la depois de tantos anos separados, perdeu toda a objetividade. Está frenético



por uma migalha de reconhecimento, um momento de redenção, e não cede. Esperava que a sua determinação em conectar-se com a filha nos desse uma vantagem psicológica muito necessária, mas a triste verdade é que o Hugo se tornou um risco. Pior ainda, está a custar-nos tempo. Na maioria dos dias, estas sessões terminam em lágrimas.

Dele, não dela.

Faço o meu melhor, todos os dias, para dissociar-me da sua dor.

O mais preocupante é que não consigo ler a Rosabelle há mais de uma semana. Os seus olhos estão vazios, a sua energia, fria. Habituei-me tanto a ser assoberbado pela torrente psíquica de outras pessoas que é quase desorientador ser confrontado pelo seu modo de silêncio.

A resposta emocional da Rosabelle é inexistente.

Na minha vida, conheci outra pessoa cujo estado emocional não consegui compreender, e está mesmo ao meu lado. O meu meio-irmão, Adam Kent Anderson. Com apenas um ano de diferença, crescemos sem nunca saber a verdade um sobre o outro ou sobre a nossa família. Durante muito tempo, o Adam e eu tínhamos descartado o nome do nosso pai das nossas vidas; o *Anderson* tinha-nos separado. O nosso pai colocou-nos intencionalmente um contra o outro; na verdade, uma vez tentámos matar-nos. Mas, na última década, aprendemos a resgatar o nosso nome em comum, cosendo-nos lentamente de volta. Eu e o meu irmão, finalmente unidos sob a mesma bandeira.

Foi a Ella quem inspirou isso. A Ella, que se recusou a ser vergada ou marcada pela história que um dia lhe foi escrita. Foi o que ela me ensinou que era possível quando retomou o nome Juliette.

É conhecida pelo mundo como Juliette Ferrars.

Será sempre a Ella para mim.

Sinto uma pontada de dor ao pensar nela, fico tenso mesmo quando tento ignorar a lâmina de medo que se alojou entre os meus pulmões nos últimos tempos. Uma aceleração no sangue percorre cada batida descontrolada do meu coração; os meus próprios sentimentos estão tão instáveis que não consigo permitir-me vivenciá-los em pleno. A ideia de perdê-la, ou ao nosso filho que ainda não nasceu, é mais do que a minha alma de papel consegue suportar. Mesmo agora, sinto um tremor crescente animar-me o corpo e fecho os punhos em sincronia com o maxilar, compartimentando a minha vida como sempre faço.

Da maneira que tenho de fazer.

— Ei — diz o Adam, de repente.

Só então me apercebo, olhando-o nos olhos, que ele estava a observar-me.

— Estás bem?

A mentira sai depressa.

— Sim.

— Tens a certeza?

A preocupação do Adam continua a surpreender-me e a desarmar-me, apesar da sua consistência.

— Tenho a certeza — digo, virando-me, lutando para reconstruir as paredes na minha mente.

— Ei — diz novamente. — Olha para mim por um segundo.

Quando olho para cima, sinto o aumento da sua compaixão. Mais do que isso, vejo-o na forma como estuda o meu rosto e depois examina o resto de mim, como se procurasse feridas abertas.

— Queres que peça à Alia para lhe dar uma vista de olhos?

Estas palavras causam-me uma dor desorientadora.

Não fazia ideia de que estava a ser tão óbvio; não tenho qualquer desejo de que me tenham pena. Ainda assim, o meu coração começa a bater forte, os meus medos ameaçam sangrar para lá do seu recinto, mesmo enquanto a gratidão se expande em



mim como estática, arrepiando-se sob a minha pele. A já familiar lâmina perfura-me outra vez e não consigo compartimentá-la depressa o suficiente; em vez disso, recuo tanto para o interior da minha mente que me sinto fisicamente distante quando digo, sem emoção:

— A Nazeera está com ela agora. Mas obrigado.

O Adam sustenta o meu olhar por mais um instante; finalmente, acena com a cabeça.

Em tempos, pensei que fosse um soldado sem cérebro.

Interpretei-o mal, todos esses anos. Na verdade, não conseguia interpretá-lo de todo. O seu silêncio interior nunca foi tão completo nem tão ensurdecador como o da Rosabelle; em vez disso, as suas demonstrações emocionais pareciam vagas e inexpressivas, e eu pensava que, por isso, tinha a liberdade de presumir, tragicamente, que ele era um idiota comum. Acontece que o Adam tem a rara capacidade de neutralizar os poderes sobrenaturais dos outros e, inconscientemente, vinha a utilizar esta técnica para me excluir. Houve uma altura em que nem sabia como abrir essa armadura; agora, raramente se preocupa em esconder-me as suas emoções. Ele chama-lhe *crescimento*.

Eu chamo-lhe desnecessário.

— Então — diz o Adam, preparando o terreno para uma mudança de assunto. Respira fundo enquanto volta o seu olhar para o interrogatório. — Achas mesmo que esta rapariga está a ativar algum tipo de escudo?

Aproximo-me da janela, parando junto do meu irmão. À medida que o meu coração se acalma, sinto o pager vibrar no bolso, cada vibração um choque na cabeça. Dou uma vista de olhos às notificações, procurando emergências, mas não encontrando nenhuma por enquanto. Na minha cabeça, estruturo o trabalho que se avizinha: adiciono itens à minha lista de tarefas de forma silenciosa; rascunho respostas e perguntas, esboço soluções para

problemas, delego responsabilidades, tento antecipar o próximo obstáculo. Deixo tudo isso de lado para tratar mais tarde.

Por agora, dou uma vista de olhos rápida ao Adam.

Pensei que estava vestido de forma casual, dispensando o meu uniforme habitual que consiste num blusão de cabedal, calças e botas; mas o Adam redefine o conceito de casual. Veste um kispo leve sobre um casaco velho e umas calças de ganga desbotadas, com pelo menos um dia de barba por fazer. Um corte de cabelo seria bem-vindo. Os seus ténis estão gastos e riscados, e apertou tanto os atacadores que a lingueta e a biqueira estão comprimidas, uma visão que me causa tanta repulsa que preciso de obrigar-me a desviar o olhar. Giro a aliança no dedo. Custa-me não comentar nada sobre os seus sapatos.

Ainda assim, apesar das nossas diferenças exteriores, partilhámos um momento extraordinário de sintonia: expirar ao mesmo tempo.

— Não sei se é um escudo — admito, voltando o meu olhar para a Rosabelle.

Ouve-se um ligeiro clangor metálico quando ela se senta, as algemas a baterem umas nas outras, e o Hugo, que caiu no chão derrotado, olha para cima ao ouvir o som.

— Rosa — diz o Hugo, com a voz embargada enquanto repete as mesmas palavras vezes sem conta. — Por favor. Precisas de acreditar em mim... Eu nunca te teria deixado. Obrigaram-me a deixar-te. Por favor, diz alguma coisa...

Olho para o Adam, firmando-me neste ambiente.

— Como já sabes — digo —, descobrimos na semana passada que a mercenária tem a capacidade sem precedentes de morrer à vontade. É possível que consiga desligar a própria mente por extensão. Mas a lógica insiste que, se fosse capaz de tal coisa, poderia ter ativado esse poder mais cedo.

— E achas que não o fez?

— Não sei — volto a dizer, desta vez mais baixo. — Nunca tive problemas em sentir as emoções dela, o que me leva a assumir que se trata de um novo tipo de poder, algo que nunca lhe vimos antes.

O Adam acena com a cabeça, enquanto franze o sobrolho.

— E achas que eu conseguiria desarmá-la. Achas que é algo que ela liga e desliga?

— Não sei — digo, pela terceira vez. — Ainda não estou pronto para afirmar nada com certeza. Se conseguires desligar o poder dela, talvez consiga entender a sua origem. Estou a tentar determinar se isso, seja lá o que for, é um poder interno, ativado de dentro, ou um poder externo, gerado remotamente.

— Remotamente? — o Adam ergue as sobrancelhas. — Tipo, achas que o Restabelecimento pode ter desligado o chip no cérebro dela?

— O problema é que não há nenhum chip no cérebro dela — digo, o meu humor tornando-se sombrio ao encontrar o seu olhar. — Se houvesse, ela seria muito mais fácil de compreender. Tudo o que sei é que *este* — aceno com a cabeça em direção à janela — não é o seu estado natural. Sei que ela é capaz de emoções intensas e atividade cerebral, mas a sua mente tem sido impenetrável desde o momento do seu encarceramento. É algo que nunca vi.

— A sério? — pergunta o Adam, surpreendido. — Nem comigo?

Sinto-o erguer uma barreira entre nós para ilustrar o seu ponto de vista, e o seu choque transforma-se num tom de interesse apático e insípido.

— Não — digo, voltando o meu olhar para a detida. — Nem mesmo contigo.

O silêncio da Rosabelle é tal que poderia estar morta.

Não demonstra qualquer expressão, apesar de ter-se reunido recentemente com o pai após mais de dez anos de separação.

Ocasionalmente, mexe-se na cadeira, com as mãos algemadas atrás das costas, e o som de metal ecoa suavemente pela sala. Cada vez que isto acontece, o Hugo enche-se de uma esperança visivelmente dolorosa, quase sustendo a respiração ao pensar que ela poderia finalmente falar, mas, em oito dias, não disse uma palavra. Se não fosse o humano piscar de olhos, o movimento do peito, os ocasionais ajustes que faz na cadeira, poderia ser confundida com uma máquina.

Ou um fantasma.

Há algo de espectral nela. É surpreendentemente franzina, sem substância e cor. É quase branca como porcelana; a pele e o cabelo desprovidos de pigmento. Até os seus olhos são insaturados, uma espécie de cinzento. Ainda assim, a palidez da sua pele é secundária à verdadeira questão, que só se torna perceptível na sua presença: a Rosabelle parece não pertencer a este lugar. Emana uma ressonância sobrenatural, como se tivesse morrido à nascença, mas fosse condenada à vida eterna.

Olhar para ela durante muito tempo deixa-me desconfortável.

Olhar para ela durante muito tempo leva-me a lugares sombrios. Nela, vejo traços de mim próprio, e não gosto da comparação.

— Ela não disse mesmo nada numa semana? — pergunta o Adam, baixando a voz para um sussurro.

— Oito dias — digo-lhe, mexendo-me um pouco. O cansaço começa a afetar-me. Pressiono a palma da mão contra a testa, numa tentativa vã de aliviar a pressão crescente. — E não. Nem uma palavra.

Sei que ela é capaz de ser volátil.

Consegui lê-la bem quando recuperou a consciência ao chegar à Nova República. Estava tão mal que o seu coração quase parou; estava tão instável que vomitou. Vi os seus olhos brilharem de medo; o seu rosto animar-se com a emoção; as suas bochechas

corarem. Consegui uma boa leitura mesmo quando estava deitada na morgue, recém desperta dos mortos. Ela parecia estar a processar algo como luto, de todas as coisas, o que me surpreendeu. Consegui até lê-la mesmo pouco antes da sua detenção, quando não conseguiu esconder nem o choque nem os seus sentimentos caóticos em relação ao meu irmão mais novo. Soube que a minha manobra tática tinha resultado quando senti o seu horror ao reencontrar o pai; e não me enganei quanto aos seus sentimentos nessa ocasião.

Já devíamos ter visto resultados.

Sem aviso prévio, sinto o Adam sucumbir a uma onda avassaladora de desilusão. Abandona o seu lugar perto da janela e atira-se para uma cadeira dura, as pernas de metal a rasparem no chão de betão enquanto suspira. De imediato, o seu joelho começa a tremer. A sua linguagem corporal por si só grita que ele não quer estar ali, mas consigo sentir a sua ansiedade a crescer, uma energia nervosa a acumular-se no ambiente como uma tempestade. Isso deixa-me inquieto. O meu peito aperta.

Já sei o que ele vai dizer.

Já sei disso há alguns minutos. Estou a tentar lidar com a minha própria deceção enquanto espero que ele me diga o que é agora óbvio.

Entretanto, dou uma olhada no relógio.

Estes dias começaram a seguir um padrão. O Hugo desistiu de qualquer tentativa de interrogá-la há cerca de quinze minutos; está agora encostado à parede do fundo, visivelmente perturbado. Fecho os olhos por um instante, tentando afastar da minha mente a dor crescente que ele sente. O Hugo está prestes a ter um colapso total, que é normalmente como estas sessões terminam.

— Desculpa, pá — diz o Adam, por fim. — Queria poder ajudar, mas é como se... Não sei explicar. É como tentar apanhar um peixe com as minhas próprias mãos. Às vezes penso que



consegui alguma coisa, mas depois desaparece, como se estivesse a imaginar coisas. Se ela tem algum tipo de poder ou escudo, acho que não é normal. Não consigo lidar com isso.

Consigo assentir com a cabeça. A minha cabeça está a latejar. A culpa injustificada do Adam está a atormentar-me.

— Obrigado por teres vindo na mesma — digo-lhe. — Sei que não gostas de envolver-te nestas coisas.

O Adam concorda comigo.

Na verdade, as minhas palavras parecem dar-lhe permissão para entregar-se ao seu próprio desconforto e, de repente, sou atingido em cheio pelo peso da sua aversão desenfreada.

— É muito assustador aqui dentro — diz, olhando em redor do espaço fechado. — Não sei como consegues fazer isto todos os dias.

A agonia do Hugo aumenta subitamente, e quase torço o pescoço ao tentar ignorá-la.

— Dizes isso — forço a voz — como se pensasses que eu gosto de estar aqui.

— Não gostas? — pergunta o Adam.

Encaro-o com um olhar fulminante. Ele ri-se.

— O quê? — diz, cruzando os braços. — Este não é, tipo, o teu habitat natural? Pensei que gostasses... — retrai-se, o metal rangendo pela sala enquanto ele se atira para trás na cadeira, quase caindo. — Jesus, ele está a chorar?

Dou uma vista de olhos ao Hugo, a tensão no meu corpo a aumentar ainda mais.

— Ele tem passado por momentos difíceis.

— Quer dizer que ele faz isto regularmente?

— Na maioria dos dias — digo eu.

Preparo-me psicologicamente antes de tocar com os dedos na janela para despertar o vidro; uma lista digital de comandos brilha a verde, sobreposta à cena exterior. Um murmúrio melódioso ecoa pelo quarto.

— Boa tarde, general — diz uma voz suave e incorpórea.
— É para reproduzir a transcrição?

— Agora não — respondo. — Prepara-te para terminar a sessão. Chama o Samuel. Inicia os protocolos de segurança para a transferência do prisioneiro.

— Sim, general.

— Após o término da sessão, carrega a transcrição de hoje para os meus ficheiros. Mas primeiro, confirma que anotaste todos os sons e movimentos da Rosabelle Wolff hoje.

Um sinal rítmico.

— Confirmado, general.

— As transcrições anteriores registavam apenas os diálogos, ou a ausência deles, da Rosabelle Wolff. Pesquisa todas as gravações anteriores e atualiza as transcrições existentes para incluir o som e os movimentos da Rosabelle sempre que aplicável.

— Sim, general — diz a voz. Há uma pausa, depois outro sinal rítmico. — As transcrições foram atualizadas.

— Aumenta a voltagem das algemas da Rosabelle para 75% — digo. — Reduz para 45% quando ela estiver em segurança dentro da cela.

— Sim, general. A aumentar a voltagem agora.

Como sempre, a Rosabelle não demonstra qualquer reação ao sucedido.

Em oito dias, não demonstrou qualquer sinal que sequer experencia a dor. Agora, enquanto as algemas irradiam o que sei ser uma descarga elétrica impressionante, ela nem sequer faz um som ao respirar. Aguarda pacientemente para ser levada, tão inerte como uma boneca.

O meu maxilar aperta-se.

Se tudo isto for uma estratégia da parte dela, sou obrigado a admitir que está a resultar. Começo a perder a paciência com estes métodos. Estou a perder a paciência com *ela*.

Estaria tentado a recorrer a uma abordagem menos humana para provocar uma reação, exceto pelo facto de já ter presenciado excentricidades suficientes dela para saber que consegue, de alguma forma, insensibilizar-se ao sofrimento, mesmo mantendo a consciência. Há semanas, cheguei à conclusão de que a tortura física não seria suficiente para a obrigar a falar. A manipulação psicológica era o meu único recurso. Presumi que a sua fraqueza pela irmã se traduziria em fraqueza pelo pai. Claramente, estava enganado. Claramente, ela sabe o que está a fazer.

E não faço a mínima ideia do que ela está a planear.

— A voltagem aumentou, general. A sessão foi encerrada.

As luzes da sala de interrogatório intensificam-se a níveis dolorosos, um alarme suave ecoa pelo ambiente. O Hugo permanece imóvel no chão, com os joelhos encolhidos junto ao peito como uma criança. Enterra o rosto nas mãos enquanto a porta se abre e os guardas invadem o local.

Mais um dia, mais um fracasso.

A minha ansiedade só aumenta.

Não tenho dúvidas de que a Rosabelle está apenas à espera do momento certo. Ela, tal como eu, foi criada pelo Restabelecimento. A nossa espécie foi moldada pela crueldade, concebida à medida para sobreviver às condições mais extremas, treinada para prosperar como prisioneiros de guerra. O problema é que nunca encontrei ninguém exatamente como ela. Não só parece insensível aos estímulos externos, como mostrou-se também imune à tecnologia que temos e que poderia ter bloqueado os seus poderes.

Expô-la ao Adam era o pior cenário possível.

Respiro fundo e devagar enquanto uma faixa de pressão parece apertar o meu crânio. Tenho a capacidade de sentir as emoções dos outros, mas maior do que isso é a minha capacidade de aceder a qualquer poder sobrenatural latente. Num cenário normal, eu seria capaz de absorver o poder da Rosabelle e de o usar



contra ela. Em vez disso, lidar com ela é como lidar com uma bateria descarregada. Outro murmúrio melodioso ecoa pela sala.

— Posso ajudá-lo em mais alguma coisa, general?

— Cria um ficheiro separado — digo eu. — Destacando todas as respostas não verbais da Rosabelle nos últimos oito dias. Quero uma comparação dia a dia.

— A compilar agora, general.

— É tudo por hoje.

O som estrondoso de uma porta de metal a bater indica que a Rosabelle está a ser escoltada em segurança para fora da sala. Pelo canto do olho vejo o Adam assustar-se. Desligo todos os comandos, terminando a comunicação com outro sinal sonoro.

Finalmente, com relutância, volto-me para o Adam.

Durante todo este tempo, senti que ele estava a observar-me diretamente. Senti a sua admiração silenciosa, confusa e hesitante.

Incomoda-me.

— É estranho — diz, com um sorriso cada vez maior enquanto me observa. — Que eu esteja sempre a esquecer-me de como estás elegante agora?

— Sim.

Ele solta uma gargalhada.

— É bom que sejas tão humilde em relação a isso.

— Não se trata de humildade — digo, irritado. — Supervisiono todos os ramos das forças armadas da Nova República. Seria preciso um esforço considerável para esquecer o que faço.

— Nunca disse que me esqueço do que fazes — diz. — Apenas me continuo a esquecer do teu cargo.

Limito-me a observá-lo, com a impaciência a aumentar.

— O quê? — diz. — Está sempre a mudar. Não está sempre a mudar?

— Não.



O olhar do Adam acentua-se.

— Mas já tiveste algumas alterações de título, não foi? — ele lança novamente o joelho e percebo quão imperdoáveis são os seus atacadores, a ponta apertada, o emaranhado de três nós. A dor de cabeça só piora. Estou a lembrar-me de não comentar nada sobre os sapatos dele, de guardar os meus conselhos não solicitados para mim, quando ele acrescenta. — Pensei que fosses comandante-chefe de alguma coisa. Ou chefe de Estado. Mas o robô acabou de chamar-te general. Acho que é justo dizer que é um pouco confuso.

— Não é confuso — digo, frio. — A Juliette é chefe de Estado. Eu sou general de defesa.

— Poderias voltar a recordar-me em que é que esses trabalhos são diferentes?

— Não.

— Mas é novo, não é? Não foste promovido recentemente?

— Não.

Silêncio outra série de notificações recebidas no meu pager, percorrendo pelo menos uma dúzia de mensagens urgentes para dar uma vista de olhos às poucas destacadas como prioritárias.

Nada a relatar. Acalma-te. Ela está a dormir.

PAREM DE MANDAR-ME MENSAGENS

Mano acho que o James está com o período

Inconclusivo, senhor. Vamos precisar de outra amostra do frasco para realizar uma nova série de testes.

Ergo o pescoço e aperto o pager com força na mão, tentando aliviar a tensão que irradia pelos ombros. Luto por organizar os meus pensamentos, mas há muitas coisas a disputar-me a atenção. A minha mente é como uma lente de câmara defeituosa, procurando o foco e falhando.

A minha cabeça está invadida.

Os choros suaves do Hugo assombram-me; os ecos dos movimentos inquietos da Rosabelle continuam a sussurrar na minha

memória; o zumbido baixo das luzes no teto agrava a minha dor de cabeça; o barulho do pé do Adam a bater está a começar a enlouquecer-me.

Fecho os olhos. Abro-os.

Sinto falta da minha mulher.

Quero ir para casa.

— Oh — diz o Adam, franzindo ainda mais o sobrolho.

— Talvez esteja a pensar no Kenji? O Kenji foi promovido?

— Há dois anos — digo, obrigando-me a estar presente.

A confusão do Adam é palpável e irritante.

— Mas alguém foi promovido, não foi? — diz. — Porque é que tenho a impressão de que alguém foi promovido?

— Talvez estejas a pensar no James — digo, sem gentileza. Com demasiada rispidez. — Que foi recentemente despromovido.

O Adam recosta-se na cadeira, com um pé apoiado no joelho. Balançando.

— Ei, calma lá... Eu estou do teu lado nisto, está bem? Estou tão lixado com o James como tu.

— Duvido muito.

— Okay — diz, lentamente. — Tanto faz. Não é uma competição.

Não consigo respirar fundo o suficiente. Esta pulsação na minha cabeça é quase insuportável. Digo a mim mesmo para voltar ao normal, para terminar esta sessão, para concentrar-me apenas nas emergências que tenho pela frente. *Prioridades*. Em vez disso, ouço a minha própria voz disparar:

— Os teus ténis são demasiado grandes para ti.

O Adam levanta a cabeça bruscamente.

— O quê?

— Os teus ténis — digo, voltando o meu olhar para a janela. O Hugo está sentado como um inseto morto no canto, a ganhar pó. Como sempre, terei de lidar com as consequências

emocionais disto. — Não devias ter de apertar tanto os atacadores. Arranja um tamanho menor.

O Adam ri-se, sem ânimo.

— Bem, eu compro os meus próprios sapatos há muito tempo, pá. Acho que sei o meu número.

Viro-me para o observar.

— Aparentemente não.

— Qual é o teu problema?

★



— Eu sei como os sapatos devem ficar — digo, mesmo desejando nunca ter comentado. Não sei porque toquei nesse assunto. Não sei porque ainda estou a falar. Gostava de poder voltar atrás. — Não devias ter de apertar os atacadores para os ténis ficarem no sítio. Se precisas de forçar os atacadores desta forma, então escolheste o tamanho errado para o teu pé.

— Sabes — diz ele, interrompendo-me. — É este tipo de coisas que faz com que as pessoas te odeiem. Porque é que precisas de dar-me sermões sobre os meus sapatos? Deixa-me apertar a porra dos atacadores como bem entender. O que é que te importa?

— Porque alguém tem de importar-se — retorqui. — Alguém tem de saber que existe uma forma correta de fazer as coisas. Porque é que escolheria fazer mal quando existe uma forma melhor? Porquê insistir no caminho da ignorância simplesmente porque é familiar? E porque é que precisas de usar palavrões para enfatizar o teu ponto de vista? Quantas vezes já falámos sobre isto?

— Sabes o que é que eu adoro? — diz o Adam, cruzando os braços.

Consigo sentir a sua raiva a aumentar, agora.

— Adoro quando tu, o rei da virtude, me dás conselhos de vida.

Abano a cabeça negativamente, desviando o olhar.

— Tipo, podias estar a disparar na cara de alguém — continua o Adam. — E se eu passasse nesse preciso momento e dissesse:



«Caramba, acabaste de disparar na cara de alguém!», olhavas para mim como se eu fosse o culpado.

— Só disparo sobre as pessoas quando elas merecem — aponto. — No entanto, sentes a necessidade de preencher quase todas as frases com um epíteto vulgar que só serve para diminuir-te no processo...

— Uau — diz, fingindo espanto. — Devias ser estudado. Acho que nunca conheci ninguém mais iludido na minha vida. Exceto talvez o James, e ambos sabemos que a culpa é tua.

— Culpa minha? — pergunto, enrijecendo ao virar-me para o observar. A fúria irradia do meu peito. — *Culpa minha?*

O Adam franze o sobrolho.

— Sim, pá, a culpa é toda tua...

— Se esta situação é culpa de alguém, é tua — digo num tom seco. — Fizeste com que pensasse que era aceitável desrespeitar a autoridade, viver com arrogância. Fizeste com que pensasse que era aceitável ser imprudente. Fizeste com que pensasse que era aceitável falar utilizando as palavras mais baratas que a língua tem para oferecer.

— *Eu?* — o Adam solta um som de incredulidade. Descruza as pernas, inclina-se para a frente e finalmente deixa de mexer-se. — Estás a falar a sério? Se eu tivesse alguma influência sobre aquele miúdo, teria impedido que ele se tornasse como tu...

Retraio-me fisicamente.

— Ele não tem nada que ver comigo.

— Ele é exatamente como tu! — o Adam grita, erguendo as mãos antes de levantar-se. — Vocês vivem os dois no mesmo mundo de ilusões! Ele pensa que é um super-herói. Acha que pode andar por aí a matar bandidos para ganhar a vida. Fizeste-o acreditar que podia crescer e tornar-se o rei do raio do mundo...

— Eu não fiz tal coisa...

— Tretas...

— Ele nunca me ouve — argumento. — Passei dez anos a tentar ensiná-lo a ser disciplinado e atencioso e, em vez disso, tornou-se completamente incontrolável.

— Achei mesmo que seria bom para ele, sabes? — diz o Adam. — Eu sabia que ele tinha visto coisas horríveis. Percebia que estava desesperado para provar o seu valor. Mesmo em criança, fazia coisas perigosas, sempre quase a matar-se, e eu tinha medo que acabasse por se magoar sem ter forma de descarregar a raiva. Achei que treiná-lo seria produtivo. Pensei que ele pelo menos aprenderia autodefesa adequada. Achei que isso tornaria a vida dele mais segura. Pensei que ele passaria alguns anos a resolver os seus problemas e depois cairia em si, mas, em vez disso, perdeu o raio da cabeça e apaixonou-se por uma psicopata, e tudo por tua causa...

— Protegeste-o demais! — repostei. — Deste-lhe demasiado reforço positivo. Alimentaste-o com muitas mentiras sobre a vida. Não querias que ele tivesse medo do mundo. Fizeste-o pensar que poderia ser tudo o que quisesse, se apenas acreditasse em si próprio...

— Sim? Bem, tu estragaste-o com mimos — gritou o Adam de volta. — Deste-lhe tudo o que ele queria. Deste-lhe um título pomposo e demasiado poder. Deixaste-o ir para todo o lado contigo. Deixaste-o ver como as pessoas olham para ti, falam contigo e borram-se de medo perto de ti, e ele adorou cada segundo. Caramba, ele até é parecido contigo...

— Não é culpa minha — digo, com a voz a elevar-se num tom perigoso. — Que o James tenha decidido pegar na riqueza de conhecimentos que lhe transmits e usá-la para tomar más decisões.

— Tenho a certeza que não é culpa minha...

— Sim, é...

— Não, não é...

— *Tu fizeste-lhe isto* — dizemos os dois ao mesmo tempo.

2

JAMES

Quando o meu pager toca pela terceira vez, tiro-o do bolso e atiro-o com raiva para o oceano.

O Kenji levanta o olhar, admirado.

— Que raio se passa contigo? — diz ele, com as botas pesadas a levantar areia enquanto corre em direção à margem. Protege os olhos de um raio de sol. — Esta é tecnologia fornecida pelo governo. Não se pode simplesmente atirá-la para estas águas contaminadas por material nuclear...

— Tarde demais — murmuro, lançando um olhar furioso aos tubos de ensaio desorganizados à minha frente. Estou ajoelhado, afundando-me lentamente na areia fria e húmida da praia. Aves costeiras, com ar de julgamento, fitam-me. Os corvos crocitam rudemente acima de mim. Estou cansado e com fome. Dói-me a cabeça.

É possível que nunca tenha ficado tão irritado.

Para ser sincero, não sei se algo poderia ter melhorado este dia. Está húmido, ventoso e com cheiro a esgoto. Ninhos de algas, detritos e peixes em decomposição vão e vêm com a maré. Ponho as amostras de areia e água do mar no meu kit e ouço o Kenji a praguejar criativamente contra o vento.

Ao longo da última década, dedicámos muitos recursos à revitalização de corpos de água naturais, à monitorização e à reabilitação da vida marinha. Foi uma das muitas razões pelas quais decidimos deixar o centro do continente, sem acesso ao mar, e regressar a uma zona costeira de clima temperado: a Juliette, a minha cunhada e ícone revolucionário, queria poder observar o oceano de perto.

É óbvio que existem departamentos inteiros dedicados a este trabalho, mas uma vez por trimestre, o Warner envia para aqui algum pobre coitado para garantir que as amostras que recolhemos correspondem às amostras que recebemos. É típico dele: sempre a verificar o trabalho de toda a gente. Olhando por cima do ombro de todos.

Ele não consegue confiar em ninguém. Precisa de controlar tudo até ao mínimo detalhe.

— Okay — diz o Kenji, caminhando de forma irregular na minha direção pela areia. — Já chega desta porra. Estás de mau humor há mais de uma semana e eu estou farto disto.

— Não estou de mau humor.

O pager do Kenji toca, emitindo um som estridente que nos últimos tempos associo à raiva. Olha para ele, suspira e silencia a notificação.

— Olha, lamento que te tenhas apaixonado por uma psicopata...

— Não estou apaixonado por ela — digo, num tom seco.

— Oh, ótimo, que alívio — diz, fingindo um sorriso. — Estava preocupado que tivesses desenvolvido sentimentos por uma mercenária profissional do Restabelecimento...

— Jesus — passo a mão pelos olhos.

— ... depois de ela ter-te enganado sem esforço para a lebares ao coração da resistência...

Olho para o céu, expirando.

— ... para executar a tua família e potencialmente massacrar a população — mexe um dedo. — Mas apenas depois de ter massacrado alguns dos nossos e tentado matar-me primeiro...

— Para — observo-o. — Estou farto desta conversa. Já ouvi demasiado desta porra nos últimos nove dias.

— Uau, estás a contar os dias, é? — o Kenji ergue as sobrancelhas. — Diz-me uma coisa: também estás a contar as horas e os minutos? A contar o tempo desde a última vez que a Rosabelle te passou cartão?

— Cala-te.

— Não me vou calar. Achas que não sei o que é ser tão patético assim? Sou patético. Porque é que achas que aceitei vir aqui neste tempo horrível para cuidar de ti enquanto fazes um trabalho que até uma minhoca conseguiria fazer?

— O quê? — franzi o sobrolho, esquecendo a raiva por um momento. — Mano, as minhocas nem têm mãos.

— Que rude da tua parte apontares-lhes isso — diz ele, cruzando os braços. — As minhocas transformam o lixo em adubo. As minhocas fazem mais pelo mundo do que tu. As minhocas só comem terra e tratam da sua vida. As minhocas precisam de uma melhor campanha de marketing.

Observo-o.

— Tu estás bem?

— Pareço-te bem? — responde-me bruscamente. — Não estás a ouvir-me? Estou a congelar nesta praia nojenta a falar sobre minhocas. Não, não estou bem. Estou a esconder-me da Nazeera.

— Certo — fito-o com um olhar carregado. — Porque ela tentou cumprimentar-te.

— Sim, porque ela tentou cumprimentar-me, e não te atrevas a usar esse tom comigo, como se tivesses algum direito de julgar-me. Só há espaço suficiente neste planeta para um de nós estar a agir como um adolescente hormonal, por isso sugiro que te recomponhas. Este é o meu momento de brilhar.



— Tanto faz — murmuro. — Não estou a agir como um adolescente hormonal.

— Estás de mau humor desde que o Warner prendeu a tua namorada fascista por espionagem, homicídio e conspiração para cometer assassinato...

— Estou de mau humor porque ele despromoveu-me de todas as minhas autorizações de segurança! — grito, levantando-me de um salto. Deixo cair os restantes tubos de ensaio na areia. — Não posso sair do Waffle sem autorização. Não posso voltar sem uma triagem extra. Tenho de mostrar o meu crachá em todo o lado, mesmo que toda a gente me conheça desde criança — gesticulo para as amostras dispostas à minha frente, rígido de raiva. — Nem consigo fazer *este* trabalho simples sem estares a respirar para o meu pescoço. É humilhante.

— Fizeste asneira, miúdo — diz o Kenji. — Não tens o direito de queixar-te.

Dou uma gargalhada amarga.

— Excelente. Obrigado — volto a ajoelhar-me e recolho as amostras do chão. A areia cola-se aos meus dedos, deixando-me furioso de uma forma irracional.

O Kenji aproxima-se, pairando sobre mim.

— Tu achas que as coisas estão mal agora? — diz. — Achas que a tua vida é uma seca porque foste despromovido? Não fazes ideia de como as coisas podem piorar. Continua assim e o Warner vai mandar-te para um lugar tão baixo na hierarquia que vais acabar por trabalhar no balcão de informações no centro da cidade, a distribuir panfletos vestido de cachorro-quente.

Um caranguejo-fantasma passa a correr, assustando-me e deixando-me ainda mais irritado.

— Ele não faria isso.

— Fazia pois — diz o Kenji. — Não fazes ideia do que aquele homem é capaz. Está tão zangado contigo que me surpreende que ainda não te tenha expulsado de casa.

Reviro os olhos.

— Não revires os olhos para mim — diz o Kenji, apontando para o meu rosto. — *Este*, aqui mesmo, é o teu problema. Achas que isto é uma piada.

— Não acho que seja uma piada — digo, a fúria obrigando-me a endireitar-me de novo. Uma brisa sopra pela praia, fazendo tilintar as amostras de vidro umas contra as outras. — O meu problema é que toda a gente *acredita* que eu acho que isto é uma piada...

— Olha, não tenho tempo para isto. Neste momento, estou a tentar salvar-te a vida. Recompõe-te. O Warner não é o único irritado contigo. Todos nós contávamos contigo. Todos pensávamos que eras inteligente o suficiente...

— Se achavas que eu era inteligente o suficiente, tinhas-me ouvido quando tinha algo para dizer. Ninguém me leva a sério. Ninguém respeita os meus pensamentos, as minhas teorias ou os meus instintos...

— É evidente que não podemos confiar no teu julgamento.

— Isso é mentira!

— *Dei-te uma única tarefa* — diz o Kenji, virando-se para mim. — Uma tarefa simples e direta. Disse-te para levara a mercenária para a prisão de segurança máxima porque eu não conseguia, uma vez que ela tinha espetado uma faca na minha perna, e ti-veste a audácia inédita e singular de aparecer de mãos dadas com ela e com corações de desenhos animados a saírem-te da porra dos olhos.

— Eu não lhe estava a segurar a mão!

— Não — diz o Kenji, calmamente, revelando uma raiva concentrada. — Tens razão, não estavas a segurar-lhe a mão... Estavas a levá-la nos braços como se fosse uma espécie de princesa ferida, como se não tivesse sido descoberta recentemente ao lado dos restos mortais esventrados de um paciente e dos corpos massacrados dos nossos amigos...

— Não é assim tão simples...

— É exatamente assim tão simples — diz, elevando a voz.

— Enquanto eu recuperava dos ferimentos, pensavas que podias levar a tua namorada a um passeio romântico entre o homicídio e a prisão. Criticaste o Samuel por algemá-la, como se ela merecesse algo melhor. Vigias-te-a como se ela fosse alguma inocente vulnerável, falaste com o Warner como se ele fosse inferior a ti...

— Isso não é... — esfrego as mãos pelo rosto. — Olha, não foi assim.

— James, eu amo-te, mas vai-te foder se pensas que podes falar comigo como se eu fosse um idiota. Se não foi assim, então o que foi? Há câmaras nos túneis, seu otário. Tens sorte de não ter áudio nas imagens de segurança, porque se houvesse letra para compor uma música, um de nós já tinha feito uma música má só para arruinar a tua vida. Achas isto humilhante? — diz, acenando para mim e depois para os tubos de ensaio. — Isto somos nós a sermos meigos contigo.

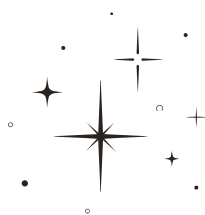
Solto a respiração, fechando os olhos com força. O calor sobe-me pelo pescoço, queimando as minhas bochechas.

O Kenji atira-me algo à cara sem aviso prévio, e eu reajo instintivamente, apanhando o pequeno pacote de plástico antes de perceber o que é.

— Come alguma coisa — diz, irritado. — Vou fazer-te um favor e assumir que estás a ser um idiota porque o teu nível de açúcar no sangue está baixo.

Enquanto viro o plástico nas minhas mãos, sinto a cabeça a pegar fogo.

Gomas de ursinhos.



3

WARNER

— **N**ão entres em pânico, okay?
As palavras dela chegam até mim através das camadas de sono, brotando como rebentos frescos no meio da terra. Demoro um instante para assimilar, para organizar os sons e encontrar o seu significado, e quando consigo...

Sento-me direito, em pânico, com o coração a bater violentamente.

— Não — diz ela, colocando a mão no meu peito nu e guiando-me gentilmente de volta para a cama. — Eu disse para *não* entrar em pânico.

— Porquê? O que está a acontecer? — pestanejo depressa, lutando para respirar. Recosto-me sobre os cotovelos, um pouco tonto, enquanto a procuro por sinais de perigo. — Estás bem, meu amor? O que posso fazer? O que precisas?

— Nada — diz ela, embora o seu sorriso seja forçado. Ela exala preocupação. — Estou bem. Desculpa...

Levanto-me, o cobertor a cair até à cintura, o ar da manhã a revigorar a minha pele quente. Seguro o seu rosto entre as minhas mãos e ela suspira, cedendo enquanto lhe procuro nos olhos, avaliando o seu estado emocional. O seu sorriso torna-se mais firme



à medida que examino o resto do seu corpo, deslizando a mão pelo seu braço e depois pela curva da sua barriga. Quando sinto o pontapé familiar de um pé sobre a minha mão, a sensação no meu peito é tão intensa que me deixa sem fôlego.

Isto acontece quase todas as manhãs.

A Ella diz que é o som da minha voz. Ela diz que o bebé está a responder ao som da minha voz. Os médicos concordam com ela; a literatura concorda com ela. Ainda assim, recusei-me a tomar uma posição sobre o assunto. Não sei como conciliar as forças igualmente devastadoras de alegria e de terror que perseguem esta experiência.

— Tens a certeza de que estás bem? — pergunto-lhe, e sinto outro pontapé debaixo da minha mão. E depois, mais dois.

De repente, fico sem fôlego.

Por vezes, penso que posso estar a imaginar a onda de sentimentos indescritíveis que tenho experimentado nos últimos tempos na presença da Ella. É como o toque de asas; uma vibração contra a minha garganta.

Uma segunda alma.

— Estou bem — diz. — Juro.

Só quando tenho a certeza disso é que o meu corpo sucumbe a um alívio tão grande que a sensação parece dissolver o que resta de mim. Os meus membros cedem, subitamente pesados. O cansaço reclama-me. Estou deitado de costas, entregando-me à cama macia, afundando-me nas almofadas. Observo o teto, sem ver nada.

O meu coração não para de acelerar.

Os lençóis farfalham quando a Ella se mexe, deslizando alguns centímetros para baixo, virando-se de lado para me observar. Ela passa a mão pelo meu peito, depois desce pelo meu tronco. A pele dela contra a minha tem o efeito de um opiáceo.

Lentamente, começo a relaxar.

Como se soubesse disso, continua a fazer movimentos suaves pelo meu corpo nu, movendo-se em direção ao meu pescoço, à linha do meu maxilar. Acaricia-me a bochecha, o polegar roçando na minha maçã do rosto, e eu expiro profundamente, sentindo-me um pouco entorpecido. O seu amor é tão ressonante e poderoso que, quando me permito entregar à onda, desejo nunca mais ter de voltar à superfície. É como estar submerso numa tranquilidade eufórica. A sua proximidade oferece-me um alívio que mal consigo descrever. Nunca me senti seguro em mais lado nenhum além daqui, ao lado dela.

— Aaron — sussurra ela.

Viro-me para olhar para ela, com os olhos entreabertos.

Está a usar uma t-shirt curta e cuecas. A blusa está apertada contra os seios, sem tapar nada da barriga.

Ela nunca deixa de ser linda. Isso destrói-me sempre.

— Deves estar com frio — digo baixinho, estendendo a mão para ela.

Ela insiste que está bem, mesmo cedendo, deixando-me virá-la delicadamente. Acomodo-a na curva do meu corpo, as suas costas encostadas à minha frente. Procuro o cobertor às ce-gas, puxando-o para nos cobrir, e depois pressiono o meu rosto contra a pele macia do seu pescoço e ombros, inspirando o seu perfume familiar e acalmando os meus sentidos. Assumo o peso da realidade.

Em segundos, quase adormeço.

— Aaron — sussurra ela novamente.

Os meus olhos percorrem o seu pescoço. Estou meio a sonhar enquanto deposito um beijo na sua pele.

— Sim, meu amor? — murmuro.

Ela experiencia uma súbita e avassaladora onda de tristeza.

— O que se passa? — pergunto, ficando tenso. A minha mente luta para concentrar-se. — O que acabou de acontecer?

— Nada — diz ela, com a voz tensa. — Nada, só estou preocupada contigo. Estás a fazer muita coisa... Estás a lidar com muita coisa...

O alívio liberta-me mais uma vez, devolvendo-me ao meu corpo.

Exalo de uma forma pesada.

— Estou bem — digo, dando-lhe outro beijo no queixo e depois no ombro. — Consigo lidar com qualquer coisa desde que possa regressar a casa para junto de ti.

A sua demonstração de afeto é ao mesmo tempo selvagem e terna. É como estar envolto numa luz quente.

Em voz alta, ela limita-se a suspirar, inclinando a cabeça para trás.

— Aaron.

— Sim, amor?

— Desculpa — sussurra ela.

Passo a mão pelo seu braço, os nossos dedos entrelaçam-se em torno da sua barriga. Os meus olhos parecem permanentemente fechados. Os meus membros estão em brasa. O meu corpo está a aquecer, afundando.

— Porque razão estás a pedir desculpa?

— Não consegui obrigar-me a acordar-te.

— Acordar-me?

— Estavas tão cansado — diz ela, com a preocupação suavizada por uma nota de dor. — O alarme tocou e continuaste a dormir e eu não consegui... Estavas tão exausto ontem à noite que começaste a assustar-me. Não queria acordar-te. Disse ao Kenji que podias chegar atrasado, mas...

Agora fico tenso.

Os meus olhos abrem-se de repente, o meu coração disparando de uma forma perigosa. Tento levantar a cabeça, procurando uma janela, mas estou entre o sono e o pânico, e estou a processar os factos demasiado lentamente.

Só então me apercebo de que raios dourados de sol estão por detrás das pesadas cortinas, invadindo o quarto.

— Ella — tento manter a calma. — Amor.

— Desculpa — sussurra ela de novo.

— Querida, que horas são?

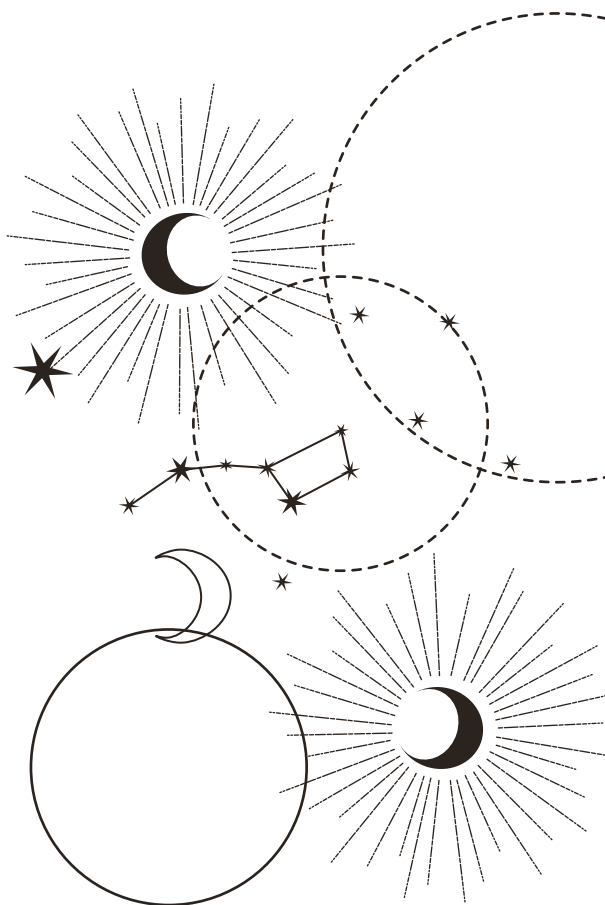
Ela aperta-me a mão.

— Não entres em pânico, okay?

— Okay — minto.

— Passa uma hora desde o nascer do sol.

Quase que caio da cama.



4

JAMES

Contemplo o horizonte, estudando os penhascos erodidos que se alinham ao longo da costa. Uma súbita rajada de vento atinge-me, despenteando os meus cabelos. Sem dizer uma palavra, enfio o pacote de gomas de ursinhos no bolso, sentindo-me, de súbito, profundamente desconfortável.

Ninguém sabe que estava a comer gomas de ursinhos quando a Rosabelle me cortou a garganta. Foi um pormenor estranho; pareceu-me estranho mencionar. Não incluí a parte da história em que ela olhou para mim e sussurrou: «Cheiras a maçã», e eu senti o calor do seu olhar sobre mim como uma flecha no coração. Não me pareceu a nota certa a usar quando se partilham as primeiras impressões de uma mercenária. Mas havia algo na forma como ela me observou naquele momento, algo tão intenso, vulnerável e emotivo no seu olhar...

Jesus.

Consigo ouvir, consigo perceber como soo quando penso nela, e soo como uma pessoa *desequilibrada*.

Aperto as palmas das minhas mãos contra os meus olhos

Se alguém tentasse convencer-me com este tipo de tolices, tipo, sim, uau, devias ter visto como aquela miúda era linda antes de me matar, eu acharia que essa pessoa era *desequilibrada*.

É possível que esteja desequilibrado.

Há um mês, achei que seria boa ideia lançar uma operação secreta em território inimigo. Os meus instintos vinham a dizer-me há algum tempo que algo estava errado. Ataques improváveis ao nosso solo estavam a intensificar-se. Mais figuras importantes com antigas ligações ao Restabelecimento estavam a aparecer mortas. Depois de uma súbita e inexplicável explosão de gás numa escola primária, não aguentei mais. Não foi um acidente que mais de cem crianças tivessem morrido nesse dia; sabíamos qual a força nefasta responsável.

Eu precisava de fazer alguma coisa.

Insisti muito para que enviássemos uma missão à ilha Ark. Tinha a certeza de que, se não encontrássemos uma forma de recolher informações, poderíamos deixar passar algo muito mais perigoso. Tentei avisar todos que algo estava para vir; que precisávamos de saber do que eram capazes e o que mais planeavam, mas ninguém me ouviu.

Nunca ninguém tinha conseguido invadir a ilha Ark e vivido para contar a história.

O último refúgio do Restabelecimento é notoriamente impenetrável e desconhecido, e o Warner sempre insistiu que ainda não estávamos prontos para correr esse risco.

Decidi fazê-lo de qualquer maneira.

No mínimo, pensei que o regresso de uma missão à qual nunca ninguém tinha sobrevivido me iria finalmente render o respeito dos meus amigos e familiares. Em vez disso, cada dia tem sido um novo tipo de inferno. É verdade que estou principalmente irritado com o Warner. Mas também é verdade que a Rosabelle me deixou completamente perturbado.

Não sei o que se passa comigo.

A minha última conversa com ela está sempre a repetir-se na minha cabeça.

O som da voz dela. O medo e a ternura nos olhos dela quando disse que confiava em mim.

Estaria a mentir se dissesse que não penso nela constantemente.

Mesmo assim, oscilo de modo violento entre a certeza e a incerteza em relação a ela. Passei de a ver o dia todo, todos os dias, para um silêncio absoluto. E a minha mente preencheu esse vazio perigoso com memórias vívidas e devaneios perturbadores. O raro vislumbre do seu sorriso. A visão dela rodeada de cadáveres. A suavidade sedosa da sua pele. O sangue espalhado pelo seu rosto. O som ofegante que ela fez quando lhe toquei. O momento em que apontou uma arma ao Kenji. A forma como me observou, como se me desejasse. A imagem do seu corpo sem vida na morgue.

Engulo em seco.

Volto o meu olhar para a água, ouvindo o vento enquanto a maré se torna mais turbulenta. Observo o céu com os olhos semicerrados, observando as nuvens cinzentas que se acumulam. O mundo parece-me ameaçador de uma forma que não parecia há muito tempo.

Sinto que estou a perder o controlo da minha vida.

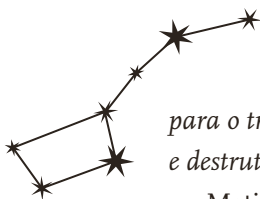
Nunca me senti assim, nunca estive tão distraído, irritado ou confuso, não desde criança. As minhas emoções estão à flor da pele, oscilando entre o desconforto, o desejo, a humilhação e a fúria.

Respiro fundo, num movimento purificador.

Quando olhei para os olhos da Rosabelle, as coisas pareceram mais claras, mas na sua ausência tenho sido inundado por telefonemas para ir ao médico.

Literalmente.

Fui visitar o Adam no outro dia e ele chamou-me à parte para perguntar, muito sério, se eu consideraria *consultar um psiquiatra*



para o trauma não resolvido que está a levar-me a fazer escolhas más e destrutivas.

Meti a cabeça no congelador dele durante um minuto inteiro para não perder a cabeça em frente aos seus filhos.

Toda a gente acha que enlouqueci.

Na noite em que o Warner meteu a Rosabelle na prisão, tentei fazê-lo compreender o meu lado no meio disto tudo, mas ele ignorou-me tão depressa, e com tanta agressividade, que fiquei atordoado. Furioso. Não tivemos uma conversa decente desde então.

Pior ainda, não teve qualquer problema em ignorar-me.

Há uns dias, estava um pouco mais otimista; pensei que o gelo entre nós não iria durar. Pensei que terminaria como nos filmes: esbarrávamos com os cotovelos na cozinha a tentar apanhar o mesmo frasco de proteína em pó e ele perceberia que não conseguiria sem mim.

Não.

O meu irmão mais velho excluiu-me da sua vida, como se a nossa longa amizade de anos nunca tivesse existido. Agora, sou apenas um vassalo dele. Quase não fala mais comigo; em vez disso, liga-me a toda a hora, a dar ordens como se eu fosse um soldado raso qualquer.

Eu e o Warner já estivemos chateados antes, mas nunca exatamente assim, nem por tanto tempo. Todas as interações entre nós são tensas e instáveis. Nem a Juliette parece ser capaz de mediar a situação. Ela fez algumas tentativas tímidas para reunir-nos, mas é evidente que está do lado do Warner. Raios, estão todos do lado dele.

Numa reviravolta impressionante, consegui unir todos contra mim e a favor dele. O Warner nunca teve um apoio tão unânime em nada. Nunca.

— Vá lá, pá — diz o Kenji, olhando para o céu. — Acaba logo com isto. Parece que vai chover e eu quero voltar.

Contraio o maxilar.

— Pensei que estivesses a evitar a Nazeera.

— Desculpa — levanta as sobrancelhas para mim. — Não sabia que precisava da tua autorização para mudar de ideias. Além disso, acabei de perceber que posso evitá-la no conforto da minha casa — ele hesita. — Talvez.

— Ela já te deu alguma coisa? — pergunto. — Alguma pista, alguma informação? Algum indício do que aí vem?

— Quem? — ele franze o sobrolho. — A Nazeera?

Solto um suspiro, irritado.

— É óbvio que estou a falar da Rosabelle.

— *Óbvio?* — repete, examinando o kit de amostras marinhas aberto à minha frente. — Como é que isto é óbvio? Os restantes de nós temos outras coisas na cabeça. As outras pessoas não estão obcecadas por uma rapariga que está a apodrecer na prisão por homicídio.

Olho para ele de relance.

— A Nazeera não tentou matar-te uma vez?

— Isso foi um acidente! E só fez isso porque gostava de mim — acrescenta, com a voz baixa. — Raios. Ela gostava de mim.

— E achas que *eu* sou o idiota?

— Sabes uma coisa? Vou-me embora — lança outro olhar para o céu e começa a andar. — Podes caminhar até casa.

— Porque não respondes à minha pergunta? — grito enquanto ele se afasta. — Já descobriste o que tem o frasco?

— Isso não é da tua conta — responde o Kenji por cima do ombro. — E tu sabes disso.

— Já passaram nove dias e ainda não sabes nada, pois não? Aposto que ela não disse uma única palavra.

O Kenji para no lugar, virando-se para me observar um pouco antes do seu pager tocar novamente. Ele examina-o, com a boca a fechar-se numa linha sombria.

— Preciso de atender.

Abano a cabeça, o meu humor piora ainda mais.

— Tanto faz.

— Okay, o que raio se passa contigo? — diz, caminhando a passos largos na minha direção. — Será algum tipo de puberdade tardia? Os teus primeiros pelos no peito estão prestes a nascer?

Ignoro-o sem sequer olhar.

— Ouve — tenta o Kenji, de novo. — Se disseses a alguém que eu disse isto, vou negar até ao dia da minha morte, mas o Warner está realmente magoado. Estás a tratá-lo como lixo e, acredites ou não, ele não merece isto.

— Estou a tratá-lo como lixo? — levanto o olhar, com os olhos arregalados. — Nem sequer posso usar o elevador da minha própria casa sem acompanhante! Não posso ir ao ginásio de manhã! Ele descontou no meu ordenado... Colocou-me à experiência...

— Vá lá, James — o Kenji parece desapontado. — Conheces o Warner melhor que ninguém, e não precisas que te diga que o nosso idiota emocionalmente imaturo favorito pode estar a sentir-se de coração partido e traído pelo teu comportamento estúpido e imprudente. Se queres corrigir isso, precisas de começar a pedir desculpas.

— Quantas vezes é que tenho de pedir desculpa? — grito, quase sufocado de raiva. — Já pedi desculpa mil vezes...

— Não, por isto não pediste.

— *Não fiz nada de mal!*

— Lá vamos nós outra vez — o Kenji revira os olhos. — Sabes que mais? Acho que o Warner está a ser brando contigo. Não fazes ideia do que estamos a enfrentar agora. Além de tudo o que ele já tem de gerir, o Warner ainda tem de lidar com o caos que *tu* trouxeste às nossas vidas...

— Se não sei de nada, é porque ninguém me diz nada — digo, esforçando-me por controlar o meu temperamento. — Tudo o que quero é ajudar. Porque é que achas que estou tão irritado?

Estou *preocupado* para caraças. Precisamos que ela fale antes que seja tarde demais...

— Acredita, o Warner está a fazer o melhor que pode.

— O Warner não sabe como lidar com ela! — expludo de raiva. — Os temperamentos deles são muito parecidos...

— Mano, não tens moral para falar. Estiveste quase duas semanas com ela e não conseguiste que ela revelasse nada.

Viro-me parcialmente, fechando os punhos.

— Talvez não — admito, baixinho. — Mas aprendi o suficiente sobre ela para dizer o seguinte: a Rosabelle não vai abrir-se com nenhum de vocês. Eu é que passava oito horas por dia com ela. Sou quem a conhece, quem a compreende...

— Jesus. James, estás a ouvir-te agora?

— Olha, acredita no que quiseres — digo, sentindo o calor a subir-me pelo pescoço. — Mas eu sou o único de nós que conseguiu entrar na Ark e sair. Sou o único recurso que temos agora, e em vez de me utilizarem, ninguém me deixa chegar perto dela — abano a cabeça. — Não, sabes que mais? É pior que isso, estão todos a agir como se eu estivesse morto.

— Que raio queres dizer?

— Fui rejeitado e excluído da minha própria vida! Cortado da minha própria família...

— Porque provaste que não és de confiança...

— Acreditas mesmo nisso? — pergunto, virando-me furioso para o observar. — Acreditas mesmo que não podes confiar em mim? Em *mim*? Uma vida inteira de dedicação e achas que te trairia? Que arriscaria pôr em perigo a vida de todos os que amo?

O Kenji ri-se, atordoado.

— Vá lá, mano, já fizeste isso.

— E digo-te, pela centésima vez: não concordo.

— Ela assassinou três pessoas! — grita de volta. — Ela *ter-me-ia* assassinado se lhe tivesses dado essa oportunidade! Foi

encontrada na posse de um frasco nefasto, cujo conteúdo é tão mortal e volátil que ainda não conseguimos fazer uma avaliação completa das suas capacidades...

— Eu sei, eu estava lá...

— James...

— ... E não estou a tentar dizer que ela está do lado certo da história — interrompo-o. — Não estou a dizer que ela é uma santa incompreendida. Só estou a tentar mostrar que há algo mais a acontecer com ela. Ela sabe alguma coisa. Ela ia contar-me algo importante naqueles túneis...

O Kenji interrompe-me com um som alto e irritado.

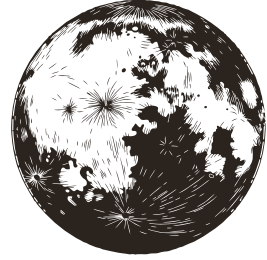
— Muito bem, *basta!* — grita, fechando os olhos com força. — Não aguento mais. Preciso que pares de falar assim antes que eu perca a cabeça, percebes? Já passei por isso uma vez. Já cumpri a minha pena. Não fazes ideia de como foi exaustivo ouvir a Juliette a falar sem parar sobre como o Warner não é assim tão mau como as pessoas pensam, que ele não é um monstro e que não se deve ferir os sentimentos dele ou ela mata-nos...

— Bem, ela tinha razão.

— Não — diz o Kenji seco, abrindo os olhos. — Ela não tinha. O Warner é implacável. Quando está do teu lado, ótimo, ganhas-te. Quando não está — ri-se, sombrio. — Boa sorte. Eu amo esse homem como um irmão, mas ainda não o viste como eu vi. Eras demasiado novo para conhecê-lo como eu o conheci. Acredito firmemente que, sem a Juliette, ele teria perdido a alma há muito tempo. E deixa-me ser muito claro — acrescenta. — Este tipo de ligação, a ligação que tem com a J? Só acontece uma vez na vida. Acredita em mim. O resto de nós, infelizes, não somos os escolhidos.

— Eu não... Kenji, não estou a tentar comparar a minha situação com a deles! Já disse que não estou apaixonado por ela!

— Acho que estás a protestar demais, mano.



Hesito; dou um passo atrás.

— O quê?

— O quê? — diz na defensiva.

— Agora estás a citar-me *Hamlet*?

— Vai-te lixar, eu gosto de Shakespeare.

— Eu nunca disse que não gostava de Shakespeare — digo, confuso. De repente, sinto-me exausto. Passo as mãos pelos cabelos, observando o céu que escurece. — Olha, estou apenas a tentar mostrar que ninguém passou tanto tempo com ela como eu. Compreendo porque é que não lhe querem dar uma oportunidade, mas e eu? Porque é que ninguém está disposto a acreditar em *mim*? Os meus pensamentos e opiniões não contam para nada? Quero manter as pessoas a salvo, assim como a todos vocês.

Pela primeira vez, o Kenji fica em silêncio.

Ele estuda-me.

— E se calhar importo-me com ela — digo no silêncio. — Talvez isso faça de mim idiota. Mas torna-me também numa vantagem. Eu sei coisas sobre ela. Ela sente-se confortável comigo. Vocês precisam de mim; precisam do meu conhecimento. E se não me deixarem participar neste processo, vão falhar. Continuo a tentar dizer que não a podem manter presa, assim...

— Não. Precisas de parar agora — o Kenji levanta a mão antes de olhar por cima do ombro, à procura de fantasmas. — Eu não devia estar a discutir isto contigo. Se o Warner descobre que eu te deixei dizer apenas o nome dela à minha frente, ele vai passar-se...

— *Não me importo* — digo, elevando a voz para uma oitava. — Preciso que me oiças. O simples facto de ela estar a fingir ser prisioneira há mais de uma semana deve fazer parte de uma estratégia ainda maior. Acho que ela quer que baixemos a guarda. Acho que está a fingir que estamos em vantagem, que podemos

controlá-la em segurança atrás das grades. Mas quando ela estiver pronta, vai desaparecer, e nem vão aperceber-se disso...

— Essa é a tua grande teoria? — o Kenji demonstra incredulidade. — Achas que ela vai escapar? Pá, a prisão de segurança máxima é uma relíquia do Restabelecimento. Não só é vigiada 24 horas por dia, como a prisão foi construída pelos fascistas precisamente para tornar qualquer fuga impossível...

— *O que raio se passa convosco?*

Eu e o Kenji erguemos os olhos, surpreendidos, ao ouvir a sua voz. O Warner está em cima de um rochedo mesmo acima de nós, com os olhos a faiscar de raiva.

— Este período negro das nossas vidas parece-vos o melhor momento para ignorar as minhas mensagens? De todas as coisas estúpidas e irresponsáveis...

— Hum, olá, o que se passa? — pergunta o Kenji, com o corpo tenso. — O que está a acontecer?

A expressão do Warner torna-se fria e impassível. Vira-se para observar-me com uma relutância exagerada, como se tivesse uma arma apontada à cabeça.

— Preciso de falar contigo — diz ele.

Fico imóvel, mesmo com o coração a disparar.

— Porquê?

— A rapariga — diz. — Despareceu.

Rosabelle tinha um plano. Agora, quer vingança.

Para salvar a irmã, precisa de destruir o sistema que a criou. Mas o seu coração tem andado a bater mais forte e as suas defesas estão a desmoronar-se.

E só há um culpado.

James tinha um plano. Agora, tem um grande dilema.

Está disposto a desistir de tudo para ficar ao lado de Rosabelle. Uma decisão que toma mais com o coração do que com a razão e que pode determinar a salvação ou a destruição do seu mundo.

**Regressa ao universo *Shatter Me*
para uma viagem sombria
por um mundo distópico
que continua a seduzir os fãs.**

• ◡ • ◡ • ◡ •
The New Republic, um spin-off *Shatter Me*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-518-2



9 789895 895182

